



# MONITOR ECONÔMICO

Março.2017



CENÁRIO  
INTERNACIONAL



CENÁRIO  
BRASIL E MINAS



ANÁLISE SETORIAL

# SUMÁRIO



## CENÁRIO INTERNACIONAL

ECONOMIA MUNDIAL	<u>04</u>
------------------	-----------



## CENÁRIO BRASIL E MINAS

PIB	<u>07</u>
PRODUÇÃO INDUSTRIAL	<u>09</u>
CONFIANÇA E EXPECTATIVAS	<u>12</u>
FATURAMENTO	<u>13</u>
EMPREGO	<u>14</u>
CRÉDITO	<u>16</u>
FINANÇAS PÚBLICAS	<u>18</u>
INFLAÇÃO E JUROS	<u>19</u>
CÂMBIO	<u>20</u>
SETOR EXTERNO	<u>21</u>
PROJEÇÕES	<u>24</u>



## ANÁLISE SETORIAL

AUTOMOTIVO	<u>25</u>
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	<u>26</u>
CONSTRUÇÃO CIVIL	<u>27</u>
INDÚSTRIA EXTRATIVA	<u>28</u>
METALURGIA	<u>29</u>

# SÍNTESE

A política fiscal expansionista prometida pelo governo de Donald Trump reforçou a projeção de crescimento americano. O ambiente macroeconômico favorável combinado com as expectativas de pressão inflacionária provenientes da política fiscal influenciaram a decisão do FED de elevar a taxa básica de juros em 0,25 p.p.. Consequentemente, o dólar vem se valorizando mundo afora.

O BCE elevou novamente sua previsão de crescimento da Área do Euro, mas ainda não considera que esse impulso seja forte suficiente para interromper a política de afrouxamento monetário. No quadro político europeu, destaca-se a vitória de Mark Rutte na Holanda e a projeção de vitória de Macron (no segundo turno) na França, fortalecendo a permanência desses países no bloco econômico.

O primeiro-ministro Li Keqiang apresentou o projeto para a economia chinesa em 2017, estabelecendo a meta de crescimento em 6,5%, considerada a prioridade para o governo.

## ECONOMIA MUNDIAL

PIB 2015 3,2%

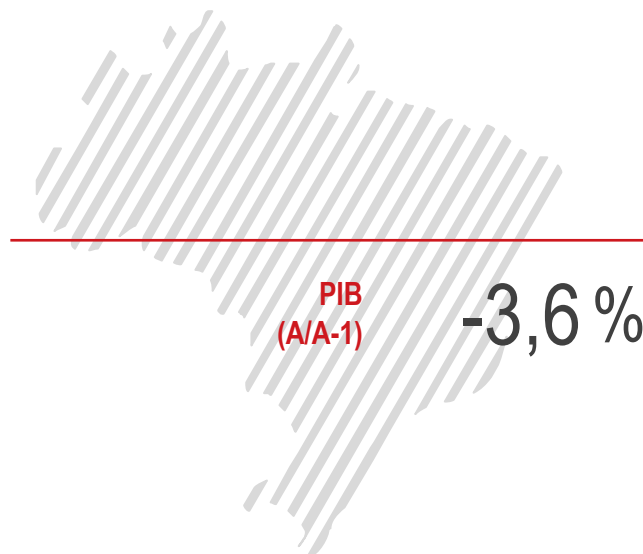
PIB 2016<sup>(e)</sup> 3,1%

PIB 2017<sup>(e)</sup> 3,4%

(e) Estimativas: FMI.

O PIB brasileiro caiu 0,9% no quarto trimestre de 2016, em relação ao trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal. Essa foi a oitava queda consecutiva nessa base de comparação, e reforça os indícios de que a recuperação da economia será lenta. Com esse resultado, a contração econômica no Brasil foi de 3,6% em 2016, levando a uma redução de 4,4% no PIB per capita no período. Vale lembrar que, em 2015, o PIB brasileiro já tinha recuado 3,8%.

O Produto Interno Bruto, em 2016, totalizou R\$ 6.266,9 bilhões. É importante destacar que a taxa de investimento foi de 16,4% do PIB, abaixo do observado no ano anterior (18,1%). A taxa de poupança foi ainda menor, de 13,9% (ante 14,4% em 2015).



Em janeiro/17, a produção industrial ficou relativamente estável em relação a dezembro/16, com variação negativa de 0,1%. Em Minas Gerais, no entanto, a indústria avançou 0,7% no mês. Essa foi a terceira variação positiva nessa base de comparação.

A inflação do IPCA avançou 0,33% em fevereiro (contra 0,38% em janeiro), trazendo a inflação acumulada em 12 meses para 4,76%. Esses resultados reforçaram a dinâmica benigna dos meses anteriores, contribuindo para o forte recuo de 5,6 p.p. nos últimos doze meses (em fevereiro de 2016, a inflação anual marcava 10,36%). Esse resultado é bastante positivo porque, juntamente com a ancoragem de expectativas inflacionárias, permite a continuidade do ciclo de redução da taxa Selic. Na última reunião do COPOM, realizada em fevereiro, o juro básico no país foi reduzido em 0,75 ponto percentual. Além disso, o COPOM sinalizou a possibilidade de aumento no ritmo de queda dos juros à frente.

Os recuos da inflação e dos juros nominais contribuem para o aumento da confiança de empresários e consumidores, favorecendo a retomada da atividade econômica em 2017 e 2018. Estimamos crescimento da economia brasileira de 0,48%, em 2017, e de 2,40% no ano seguinte.



# CENÁRIO INTERNACIONAL

**EUA**

PIB 2015	2,6 %
PIB 2016	1,6 %
PIB 2017(e)	2,3 %



De acordo com o Departamento de Comércio Americano, o déficit comercial aumentou 9,6% em janeiro, contabilizando US\$ 48,5 bilhões (o maior desde 2012). As contas de importações e de exportações ajustadas à inflação cresceram em, respectivamente, 2,3% e 0,6%, as maiores registradas em janeiro. O resultado contribui com a percepção de melhora na demanda doméstica americana, assim como de um crescimento econômico maior de seus parceiros comerciais. Todavia, o déficit sugere que o comércio internacional poderá mais uma vez pesar negativamente sobre o crescimento econômico americano, intensificando as discussões sobre renegociações de acordos comerciais e taxação de importados.

## FED AUMENTA JUROS EM 0,25 P.P.

A política fiscal prometida pelo governo de Donald Trump, com cortes em alguns impostos e aumento nos gastos de infraestrutura, reforçou a projeção de crescimento da economia americana de 2,3% para 2017, frente ao crescimento de 1,6% observado em 2016. Adicionalmente, o PMI\* industrial alcançou 54,2 pontos em fevereiro de 2017, mantendo a expectativa de expansão na atividade industrial.

A taxa de desemprego segue em queda, passando de 4,8% em janeiro para 4,7% em fevereiro. A expansão na atividade, o fortalecimento do mercado de trabalho e a expectativa de pressões inflacionárias decorrentes principalmente de uma iminente política fiscal expansionista foram determinantes para a última decisão de política monetária. O FED elevou a taxa básica de juros em 0,25 p.p. para o intervalo entre 0,75% e 1% na reunião do dia 15 de março, sendo esperados pelo mercado mais três aumentos de juros em 2017. Conseqüentemente, o dólar vem se valorizando, tornando o produto americano menos competitivo internacionalmente.



## CENÁRIO INTERNACIONAL

<b>ÁREA DO EURO</b>	PIB 2015	2,0 %
	PIB 2016 <sup>(e)</sup>	1,7 %
	PIB 2017 <sup>(e)</sup>	1,6 %



**BCE MANTÉM  
POLÍTICA DE JUROS  
BAIXOS E REVÊ  
POSITIVAMENTE  
PROJEÇÃO DE  
CRESCIMENTO  
ECONÔMICO**

A atividade econômica da Área do Euro foi marcada no último trimestre de 2016 pelo crescimento de 0,4% do PIB da Alemanha e da França, de 0,2% do PIB da Itália, de 0,7% do PIB da Espanha, assim como pela queda de 1,2% do PIB da Grécia. Considerando que o impulso de crescimento subjacente se mantém robusto, o Banco Central Europeu -BCE- elevou novamente a previsão de crescimento da zona do euro, para 1,8% neste ano, ante a previsão de 1,7% de dezembro. O PMI\* do setor manufatureiro saiu de 55,2 pontos em janeiro para 55,4 pontos em fevereiro, sugerindo a continuidade paulatina da expansão da atividade industrial.

A inflação anual europeia atingiu 2% ao ano em fevereiro, puxada pela alta dos custos de energia. A convergência da inflação ao consumidor para a meta tem intensificado as manifestações contrárias à manutenção da atual política de afrouxamento monetário na região, especialmente no que se refere à taxa de juros. Ainda assim, o BCE, deu continuidade ao programa de estímulos econômicos na última conferência, em 9 de março, confirmando a taxa de juros em 0% ao ano, a taxa de depósitos em -0,40% e a taxa anual de empréstimos em 0,25%.

No ambiente político, merece destaque a vitória eleitoral de Mark Rutte na Holanda, em 15 de março, indicando enfraquecimento das forças nacionalistas e populistas para as demais eleições europeias neste ano. Com relação às eleições na França, de acordo com pesquisa da Cevipof, a ultradireitista Marine Le Pen continua à frente no primeiro turno com 27% das intenções de voto, contra 23% de Macron e 19,5% de François Fillon. Todavia, essa pesquisa aponta que, no segundo turno, Macron venceria Le Pen com 62% dos votos, contra 38%, projetando, assim, a permanência da França no bloco europeu.



# CENÁRIO INTERNACIONAL

## CHINA

PIB 2015	6,9 %
PIB 2016	6,7 %
PIB 2017(e)	6,5 %

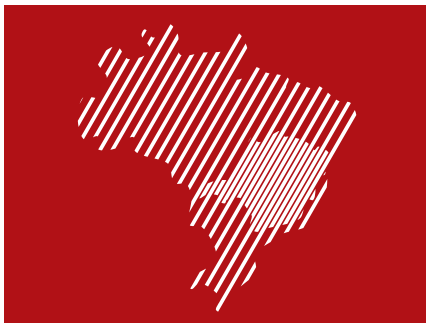


### META DE CRESCIMENTO DO PIB É FIXADA EM 6,5% PARA 2017

O primeiro-ministro Li Keqiang apresentou o projeto para a economia chinesa em 2017 ao Congresso Nacional do Povo, estabelecendo a meta de crescimento em 6,5%. Em 2016, a meta de crescimento foi fixada no intervalo entre 6,5% e 7% ano. Adicionalmente, o projeto contempla uma expansão anual de 12% do crédito, ante a meta de 13% do ano passado. Observa-se, portanto, que, a despeito do crescente grau de alavancagem das empresas, o crescimento econômico mantém-se como prioridade do governo. O déficit fiscal foi fixado em 3% do PIB, sendo previstos, ainda, estímulos ao setor de construção. Para o setor produtivo, o plano contempla ainda, o corte na produção de aço em 50 milhões de toneladas e o fechamento de dezenas de usinas de carvão, motivados pelos graves problemas de poluição aérea.

As importações chinesas aumentaram 38,1% em fevereiro de 2017, enquanto as exportações caíram 1,3%, em grande parte devido ao feriado prolongado do Ano Novo Lunar, resultando em um déficit comercial de US\$ 9,15 bilhões. O avanço das importações é atribuído à alta nos preços de *commodities*, mas também sugere que a demanda doméstica chinesa continua firme.

Com relação às expectativas sobre a atividade industrial, o PMI\* subiu de 51,0 pontos em janeiro para 51,7 pontos em fevereiro, indicando expansão no setor manufatureiro.



# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

## PRODUTO INTERNO BRUTO . BRASIL

Em 2016, o PIB brasileiro totalizou R\$ 6,3 trilhões. A queda anual foi de 3,6% em relação a 2015, confirmando as expectativas do mercado e a visão de que o país atravessa uma das mais longas e profundas recessões de sua história.

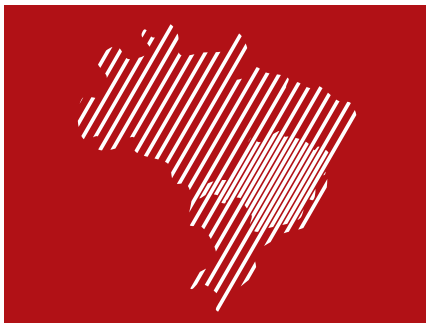
Diferente do que ocorreu nos últimos 2 anos, onde a agropecuária apresentou o melhor desempenho entre os setores pela ótica da oferta, em 2016 foi exatamente este o setor que teve a maior contração, com queda de 6,6% na comparação com 2015. A indústria recuou 3,8%, com as maiores quedas registradas na indústria de transformação e na construção, ambas com contração de 5,2% no mesmo período.

Destaca-se a segunda queda anual consecutiva do setor de serviços (-2,7%), refletindo o recuo da renda e a perda do poder de compra dos consumidores, devido ao crescimento do desemprego. As atividades com pior desempenho no setor foram de transportes (-7,1%) e comércio (6,3%), fortemente influenciadas pela retração na atividade econômica.

Sob a ótica da demanda, as importações e os investimentos tiveram expressivas quedas, de 10,3% e 10,2% respectivamente, entre 2015 e 2016. O consumo das famílias registrou recuo de 4,2%, ainda pressionado pelo aumento do desemprego e pelas restrições ao crédito.

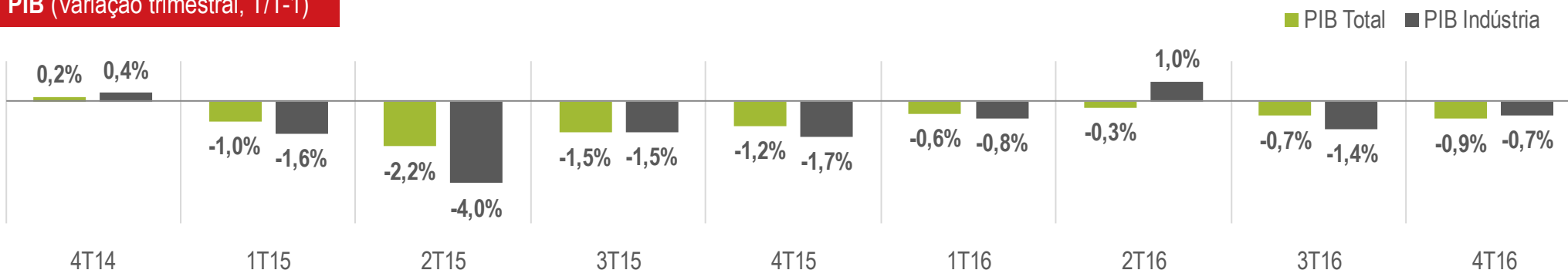
Para 2017, projeta-se um crescimento do PIB de 0,5%, e para 2018, de 2,4%.

		PIB (Var. % acumulada no ano)			ESTIMATIVAS ANUAIS	
		2014	2015	2016	2017 <sup>(e)</sup>	2018 <sup>(e)</sup>
<b>OFERTA</b>	Agropecuária	2,8	3,6	-6,6	4,0	3,8
	Indústria	-1,5	-6,3	-3,8	1,5	4,2
	Serviços	1,0	-2,7	-2,7	-0,3	2,0
<b>DEMANDA</b>	Consumo	2,3	-3,9	-4,2	-0,3	1,0
	Governo	0,8	-1,1	-0,6	-0,3	0,1
	Investimentos	-4,2	-13,9	-10,2	2,2	9,2
	Exportações	-1,1	6,3	1,9	3,5	2,8
	Importações	-1,9	-14,1	-10,3	2,5	5,1
<b>PIB</b>	<b>0,5</b>	<b>-3,8</b>	<b>-3,6</b>	<b>0,5</b>	<b>2,4</b>	



# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PIB (Variação trimestral, T/T-1)



## PRODUTO INTERNO BRUTO . BRASIL

O PIB brasileiro caiu 0,9% no quarto trimestre de 2016, em relação ao trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal. Essa foi a oitava queda consecutiva nessa base de comparação, e reforça os indícios de que a recuperação da economia será lenta.

Após apresentar queda do ritmo de retração (0,6% no primeiro trimestre e 0,3% no segundo trimestre de 2016), o PIB passou a registrar contrações maiores nos trimestres seguintes (0,7% no terceiro trimestre e 0,9% no quarto). Essa mudança de comportamento é fruto do desempenho negativo do setor de serviços, que responde por mais de 70% da geração de valor a custo de fatores na economia brasileira, e que recuou no quarto trimestre em 0,8%, contra uma variação negativa de 0,5% no trimestre anterior.

O PIB do setor industrial caiu 0,7% no último trimestre do ano, após forte queda de 1,4% no trimestre anterior. Entre os setores, a construção registrou a maior retração no período, com recuo de 2,3%, seguida pela indústria de transformação, com queda de 1%.

Impulsionada pela recuperação dos preços das *commodities* minerais ao longo do ano, a indústria extrativa cresceu 0,7% no quarto trimestre, marcando a 3ª alta consecutiva na passagem trimestral. As expectativas são de continuidade da recuperação dos preços do petróleo no mercado internacional, o que deve contribuir para a manutenção do bom desempenho do setor no início de 2017.





# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

## INDÚSTRIA GERAL

JAN-17 / DEZ-16*	-0,1%
JAN-17 / JAN-16	1,4%
2016	-6,6%
2017(e)	1,2%
2018(e)	2,1%

## PRODUÇÃO INDUSTRIAL . BRASIL

Em janeiro/17, a produção industrial ficou relativamente estável (-0,1%), em relação a dezembro/16, na série com ajuste sazonal. Na comparação com janeiro/16, mostrou crescimento de 1,4%, após iniciar um processo de desaceleração nos recuos a partir de meados do ano passado, tanto na indústria extrativa, como na de transformação. O aumento refletiu a alta de 12,5% na produção extrativa, apesar da transformação apresentar relativa estabilidade (-0,3%). Desde o início de 2014, a indústria geral não apresentava crescimento, dado o desaquecimento da indústria de transformação e também da indústria extrativa a partir do 2º semestre de 2015.

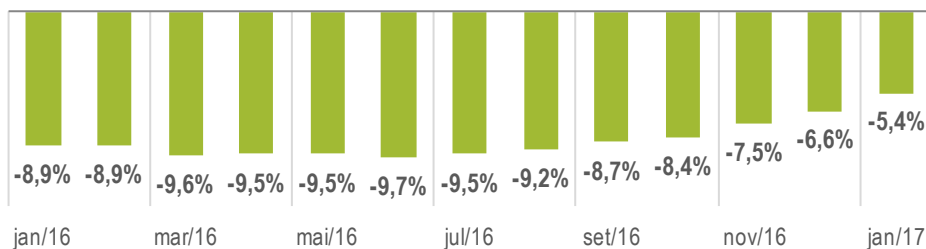
Em relação a janeiro/16, 15 dos 25 segmentos da indústria de transformação registraram crescimento na produção, com destaque para informática e eletrônicos (18,0%), vestuário (13,3%) e têxteis (10,8%).

No acumulado dos últimos 12 meses encerrados em janeiro/17, a indústria brasileira sofreu perda de 5,4% (-5,2% na transformação e -7,3% no setor extrativo), confirmando que os recuos nos últimos meses estão sendo cada vez menos intensos, nessa base de comparação.

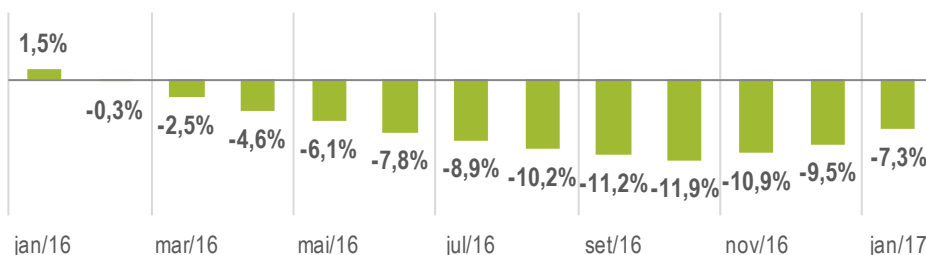
Os setores da indústria de transformação que apresentaram comportamento positivo no acumulado de 12 meses foram, novamente, os de papel e celulose (3,0%), madeira (2,7%) e alimentos (1,2%). Entre os demais, as piores perdas foram observadas na produção de fumo (-22,1%) e de outros equipamentos de transporte (-20,6%).

O consumo aparente de bens industriais tem registrado quedas menos intensas, mas ainda superiores à produção. No acumulado de 12 meses, retraiu 7,0%, as importações de bens industriais 8,7%, e as exportações mostraram alta de 5,4%, o que continua a sugerir maior destinação dos produtos industriais para as vendas externas.

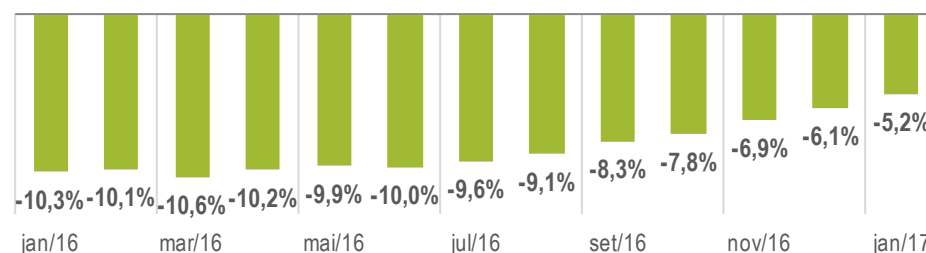
INDÚSTRIA GERAL (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA EXTRATIVA (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)





# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

## INDÚSTRIA GERAL

JAN-17 / DEZ-16*	<b>0,7%</b>
JAN-17 / JAN-16	<b>4,8%</b>
2016	<b>-6,2%</b>
2017 <sup>(e)</sup>	<b>0,9%</b>

## PRODUÇÃO INDUSTRIAL . MINAS GERAIS

Em Minas Gerais, a indústria geral registrou variação positiva de 0,7% em janeiro/17, em relação a dezembro/16, na série dessazonalizada.

Se comparados os resultados de janeiro/17 com os de janeiro/16, a produção mineira mostrou crescimento de 4,8%, dado o aumento de 23,6% na indústria extrativa e a queda de 1,5% na transformação.

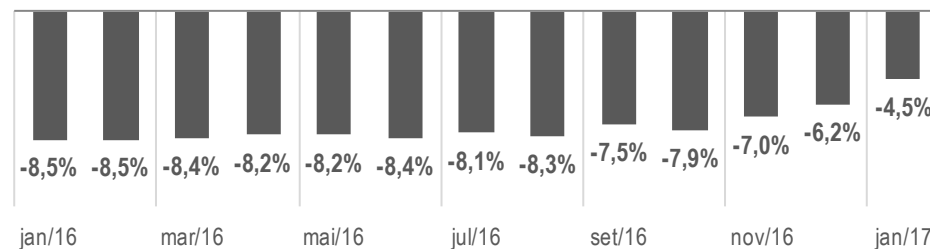
Ainda na comparação com janeiro/16, entre os 12 setores da indústria de transformação mineira analisados, cinco registraram crescimento: máquinas e equipamentos (33,0%), fumo (28,3%), têxteis (18,8%), produtos de minerais não metálicos (11,7%) e outros produtos químicos (5,9%).

No acumulado de 12 meses, a produção industrial registrou queda de 4,5%, com recuo de 7,9% na indústria extrativa e de 3,2% na transformação.

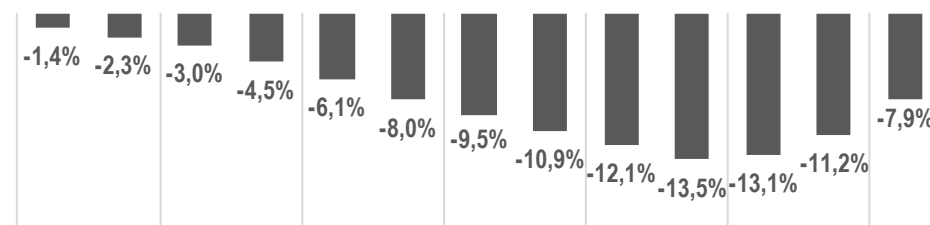
Os cinco setores que registraram crescimento nessa base de comparação foram os mesmos do mês anterior: outros produtos químicos (5,0%), bebidas (4,6%), produtos têxteis (4,3%), papel e celulose (3,4%) e alimentos (1,6%).

Os piores resultados se mantiveram entre os setores de máquinas e equipamentos (-17,3%), produtos de metal (-13,5%) e veículos (-11,9%).

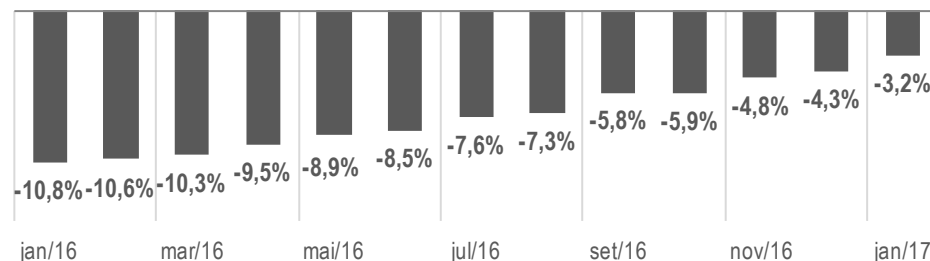
### INDÚSTRIA GERAL (Var. % acumulada em 12 meses)

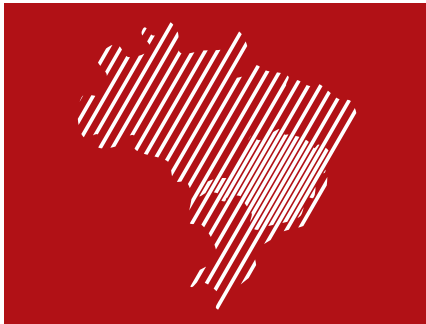


### INDÚSTRIA EXTRATIVA (Var. % acumulada em 12 meses)



### INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)

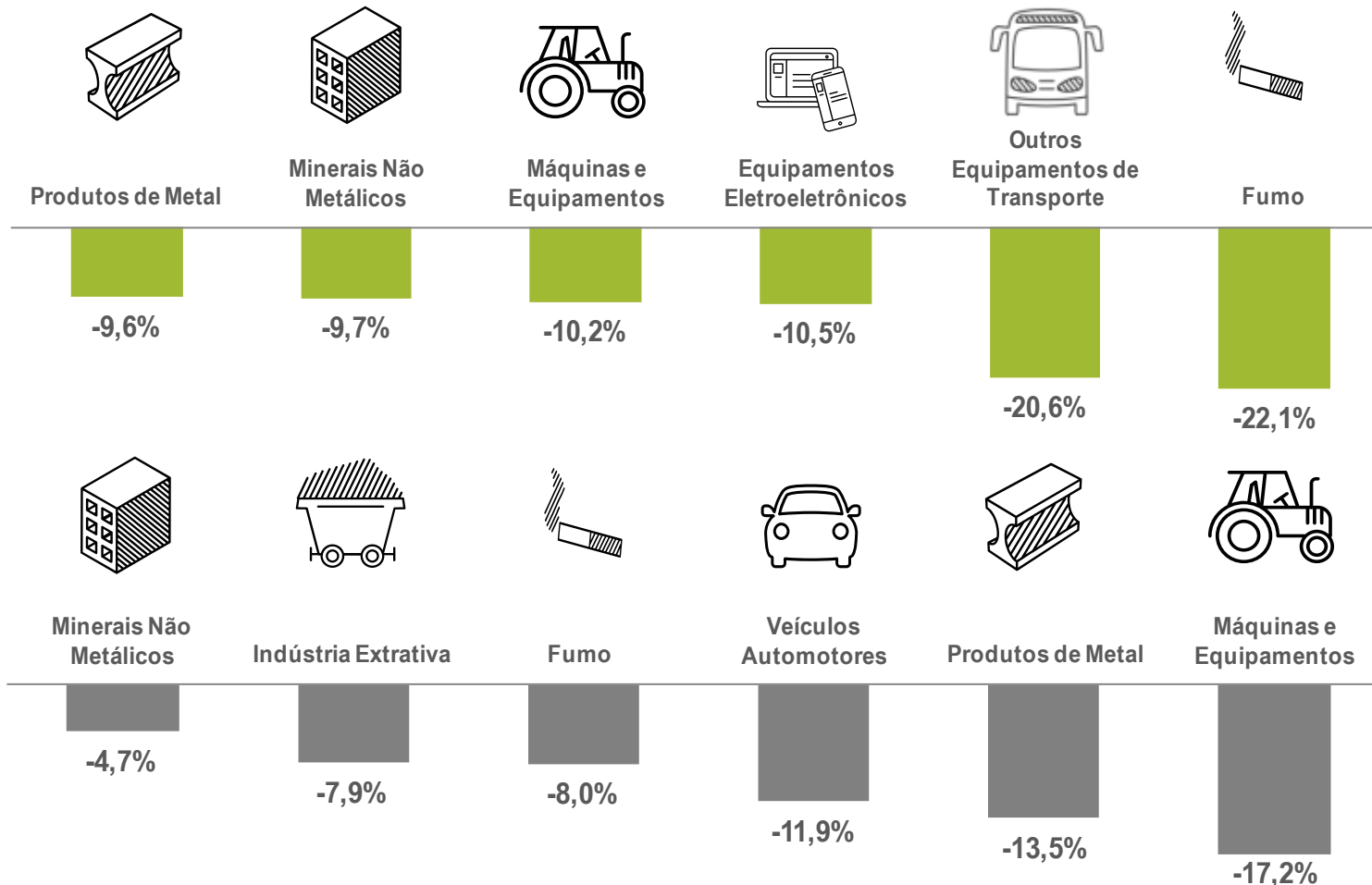




# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

## PRODUÇÃO INDUSTRIAL

DESTAQUES SETORIAIS NEGATIVOS  
(VAR. % ACUMULADA EM 12 MESES)\*



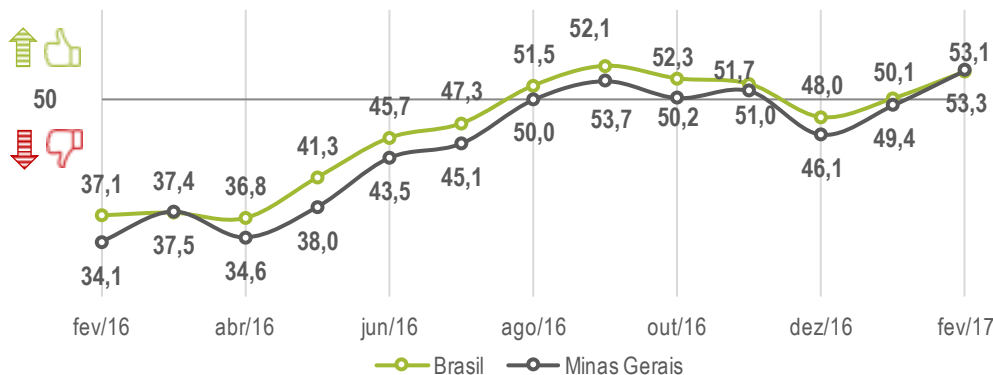
Fonte: IBGE. | \*Até Janeiro/17.



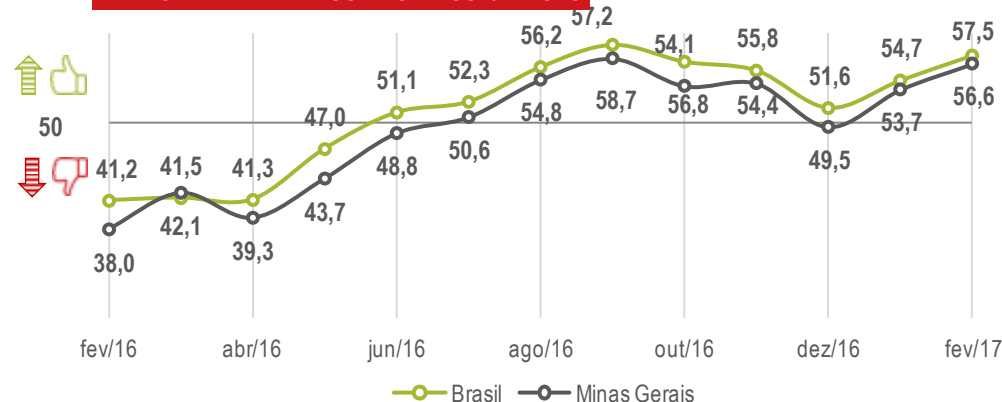
# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

## CONFIANÇA E EXPECTATIVAS

**ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL - ICEI**



**EXPECTATIVA PARA OS PRÓXIMOS 6 MESES**



Minas Gerais		Total			Pequenas			Médias			Grandes		
		fev/16	jan/17	fev/17	fev/16	jan/17	fev/17	fev/16	jan/17	fev/17	fev/16	jan/17	fev/17
<b>ICEI</b>		<b>34,1</b>	<b>49,4</b>	<b>53,3</b>	<b>30,0</b>	<b>43,4</b>	<b>47,0</b>	<b>34,8</b>	<b>47,4</b>	<b>53,8</b>	<b>35,7</b>	<b>53,5</b>	<b>56,1</b>
<b>Sondagem Industrial</b>													
Expectativas	Demanda	45,4	52,7	53,9	39,1	51,9	52,6	45,0	47,6	54,0	49,5	56,0	54,6
	Quantidade Exportada	48,1	53,6	53,5	37,5	50,0	47,5	51,9	48,6	52,5	52,3	58,7	57,6
	Compra de Matérias-Primas	42,8	50,9	52,1	36,8	48,5	50,6	42,5	47,6	51,6	46,7	54,3	53,2
	Emprego	41,9	46,7	47,4	35,9	44,7	45,9	44,6	42,1	47,7	43,9	50,5	48,1
	Intenção de Investimento	36,8	44,6	48,2	26,1	32,1	36,8	32,7	39,4	41,7	45,7	55,2	58,8

Indicadores variam de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam otimismo.



# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

## INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

	BRASIL	MINAS GERAIS
JAN-17 / JAN-16	-6,9%	-7,8%
ACUMULADO 12 MESES	-11,6%	-11,8%

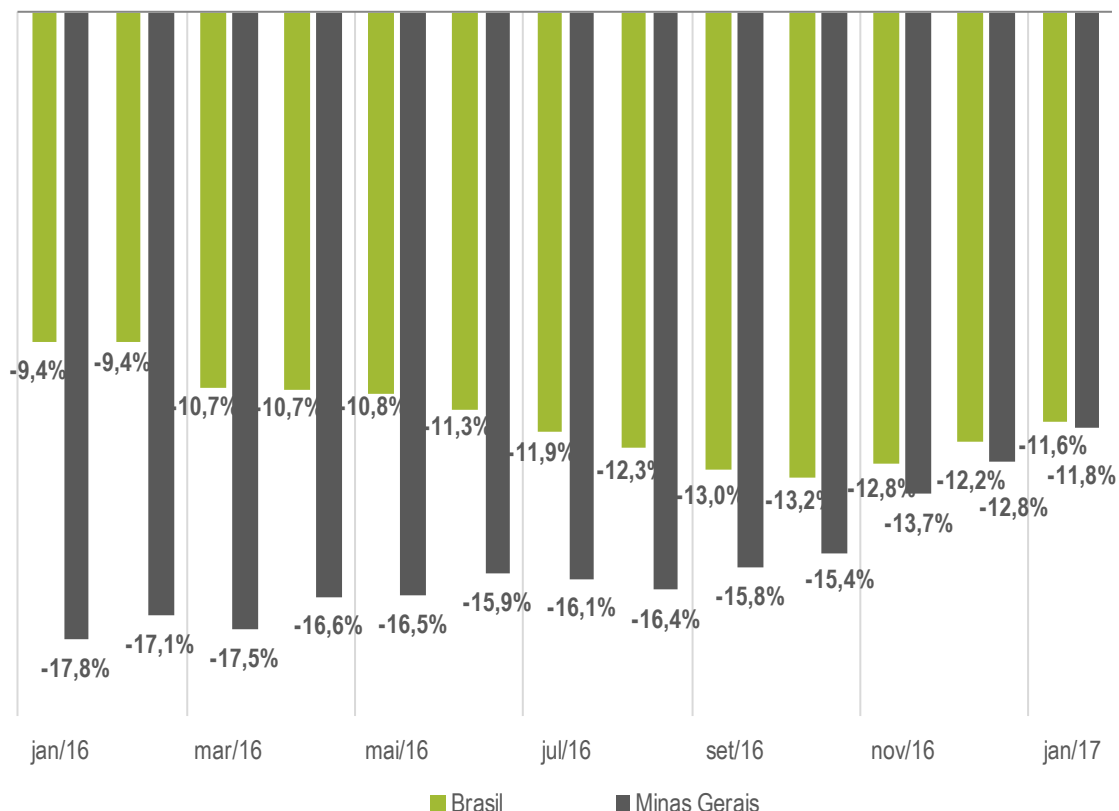
### FATURAMENTO REAL

O faturamento real da indústria de transformação mineira apresentou recuo de 7,8% na comparação interanual (janeiro/17, contra mesmo mês de 2016), explicado pela queda nas vendas para os mercados nacional e internacional. O resultado negativo foi puxado pelos setores de produtos de metal, máquinas e equipamentos, farmacêutico e veículos automotores. No acumulado dos últimos 12 meses, o indicador do estado decresceu 11,8%, apontando moderação no ritmo de queda ao longo dos meses e o melhor resultado desde setembro de 2015.

Na indústria de transformação brasileira, o faturamento real caiu 6,9% em janeiro/17, comparativamente ao mesmo mês de 2016. As maiores variações negativas, nessa base de comparação, foram verificadas nos setores de derivados de petróleo e biocombustíveis, bebidas e veículos automotores. Na análise dos últimos 12 meses, houve retração de 11,6% no índice – o menor decréscimo verificado desde junho de 2016. Vale destacar que, nas bases de comparação analisadas, o indicador nacional tem registrado quedas cada vez menos intensas nos últimos meses.

Embora o faturamento permaneça negativo tanto em Minas Gerais como no Brasil, os indicadores de confiança e de expectativas têm apresentado melhora gradativa, porém discreta. O resultado reforça as projeções positivas para as vendas em 2017.

### FATURAMENTO REAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)





# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

## EMPREGO

A taxa de desemprego no Brasil permanece em alta, como indica a PNADC/IBGE mensal<sup>1</sup>. No trimestre móvel encerrado em janeiro/17, a taxa aumentou para 12,6% da PEA\*, 0,6 p.p. acima do trimestre móvel imediatamente anterior. Em janeiro/16, a taxa correspondia a 9,5% da PEA.

Um total de 170 mil pessoas foram adicionadas à PEA e o número de ocupados diminuiu em 408 mil (30% na indústria), o que ocasionou um aumento no contingente de desempregados de 578 mil pessoas, totalizando 12,921 milhões de trabalhadores nessa situação.

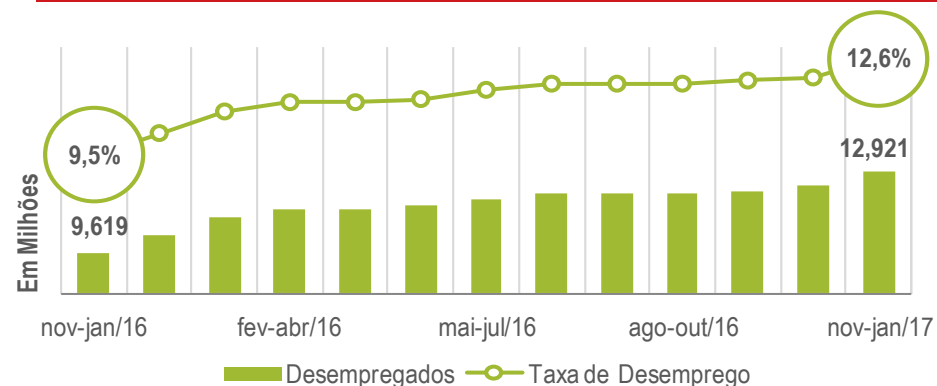
Em Minas Gerais, a taxa de desemprego variou de 11,2% para 11,1% da PEA, entre o 3º e o 4º trimestres/16. A redução de 12 mil desempregados nesse período, ocorreu devido à geração de 3 mil postos de trabalho, mas principalmente, em razão da saída de 9 mil pessoas do mercado de trabalho, aumentando o número de inativos.

De acordo com o Caged<sup>2</sup>, em janeiro/17, o saldo de empregos formais no Brasil foi negativo em 40.864. Entretanto, a indústria deu uma contribuição positiva, com a geração de 18.084 postos de trabalho. Em Minas Gerais, o saldo de emprego foi negativo em 185 ocupações. Contudo, assim como no Brasil, após um longo período de perdas, a indústria gerou um saldo positivo de 6.984 vagas.

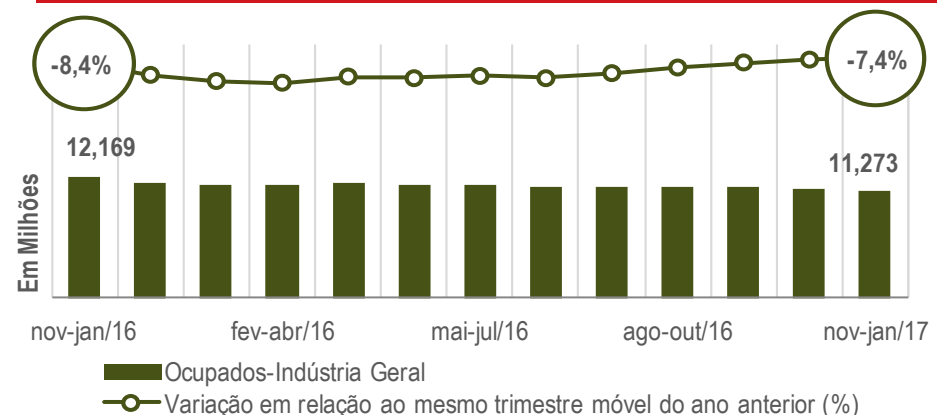
Os segmentos da indústria que se destacaram na criação de postos, em abrangência nacional e estadual, foram os de calçados e couro, vestuário e acessórios e o de borracha e material plástico.

A despeito do avanço da taxa de desemprego, as expectativas são de melhora do mercado de trabalho a partir do 2º semestre de 2017.

### DESEMPREGO TOTAL – BRASIL<sup>1</sup>



### OCUPAÇÃO NA INDÚSTRIA GERAL – BRASIL<sup>1</sup>



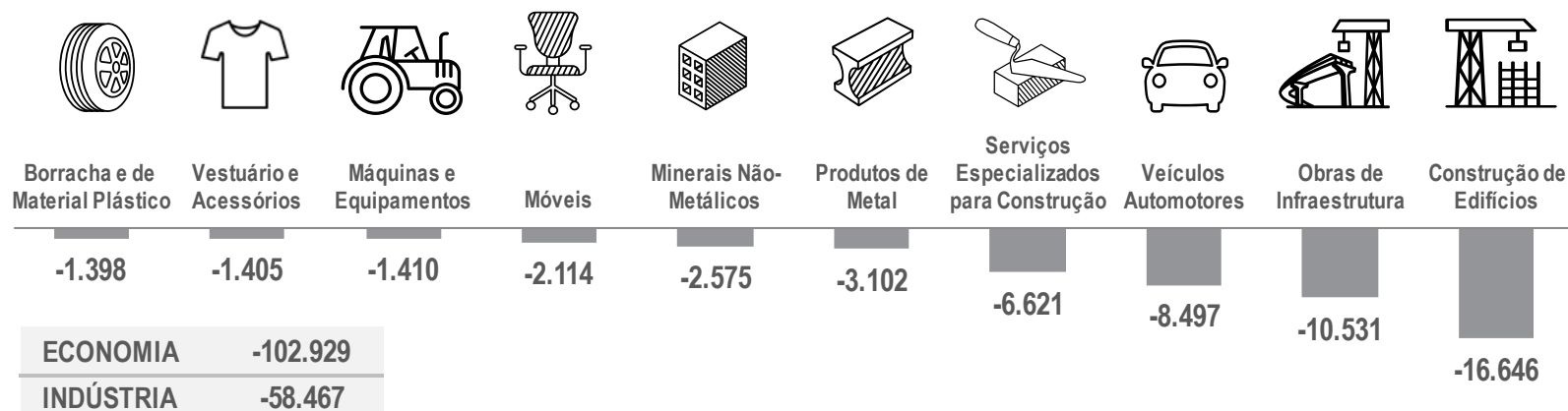
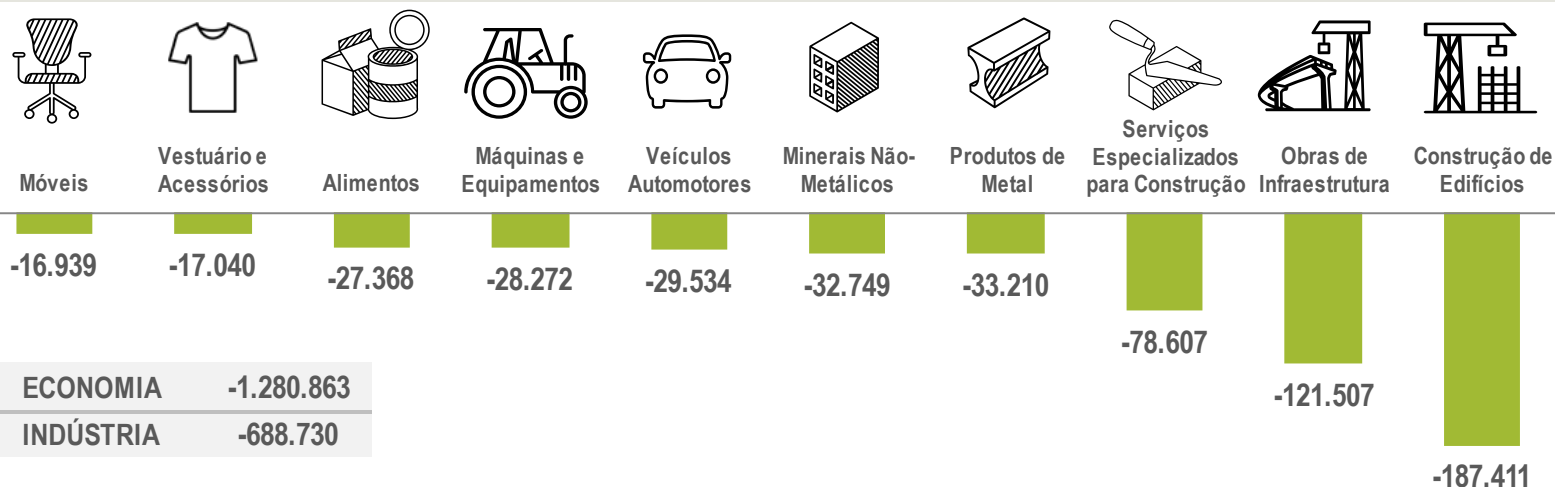
Fonte: IBGE. | <sup>1</sup> PNADC – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Estimativas de trimestres móveis). <sup>2</sup>Caged – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho  
\*PEA – População Economicamente Ativa.



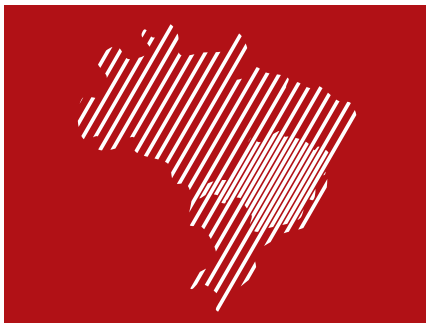
# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

## SALDO DE EMPREGO

DESTAQUES SETORIAIS NEGATIVOS  
(SALDO ACUMULADO EM 12 MESES)\*



Fonte: MTPS. | \*Até Janeiro/17, dados com ajuste.



# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

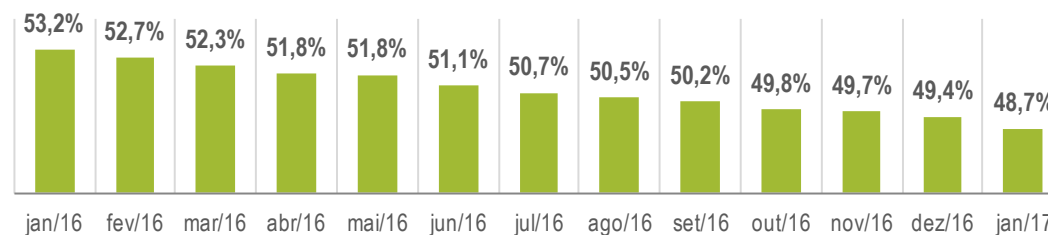
## CRÉDITO E CONCESSÕES . BRASIL

Em janeiro de 2017, a relação crédito como proporção do PIB caiu para 48,7%, um recuo de 0,7 ponto percentual (p.p.) em relação ao resultado do final de 2016. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, a queda foi de 4,5 p.p. Essa diferença vem aumentando desde março/16 quando, pela primeira vez desde o início da série, em 2007, registrou-se recuo interanual.

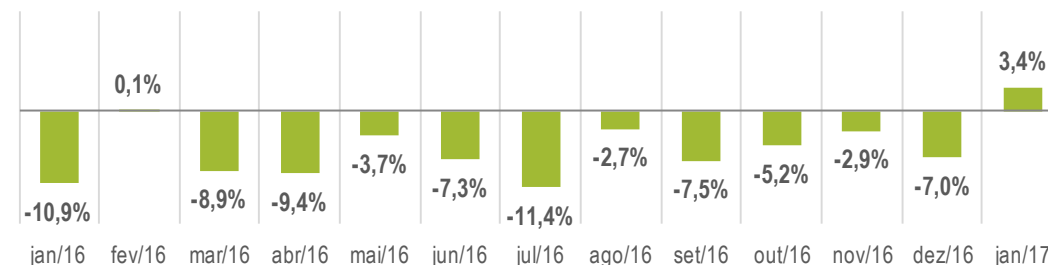
O aperto crescente no setor de crédito pode ser visto, adicionalmente, através do comportamento da variação interanual das novas concessões. Em termos nominais, as novas concessões com recursos livres cresceram 3,4% entre janeiro/16 e janeiro/17. As concessões com recursos direcionados, por outro lado, recuaram 4,0% nessa base de comparação. Em termos reais (desconsiderando a inflação do período), houve queda nas duas modalidades, refletindo o avanço do risco de crédito ao longo da recessão atual. Isso é fruto do elevado nível de endividamento de empresas e das famílias.

Vale destacar que o dado mais recente de endividamento das famílias (dezembro/16) situa-se em 42,4% da renda anual, ao passo que o comprometimento da renda com o serviço da dívida contraída chega a 21,7%, de acordo com dados do BACEN. Em função do nível ainda anêmico da atividade econômica, com expectativa de manutenção da taxa de desemprego em patamar elevado ao longo de 2017, é razoável pensar que famílias e empresas persistirão numa trajetória de desalavancagem ao longo do ano, impedindo que, mesmo com a queda da Selic, o crédito seja capaz de estimular substancialmente a economia brasileira.

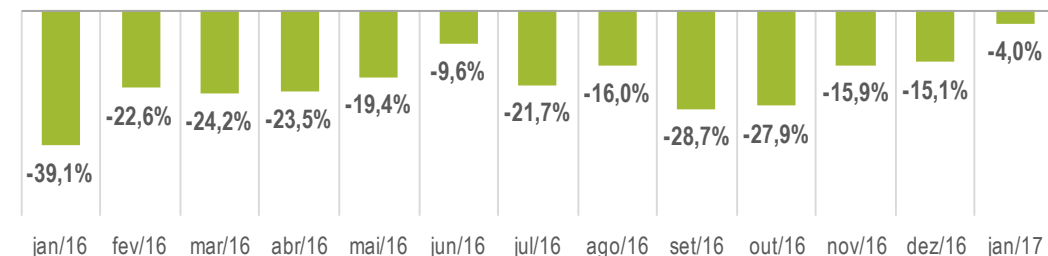
**CRÉDITO (% do PIB)**



**CONCESSÕES - RECURSOS LIVRES (T/T-12)**



**CONCESSÕES - RECURSOS DIRECIONADOS (T/T-12)**



Fonte: Banco Central do Brasil - BACEN.





# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

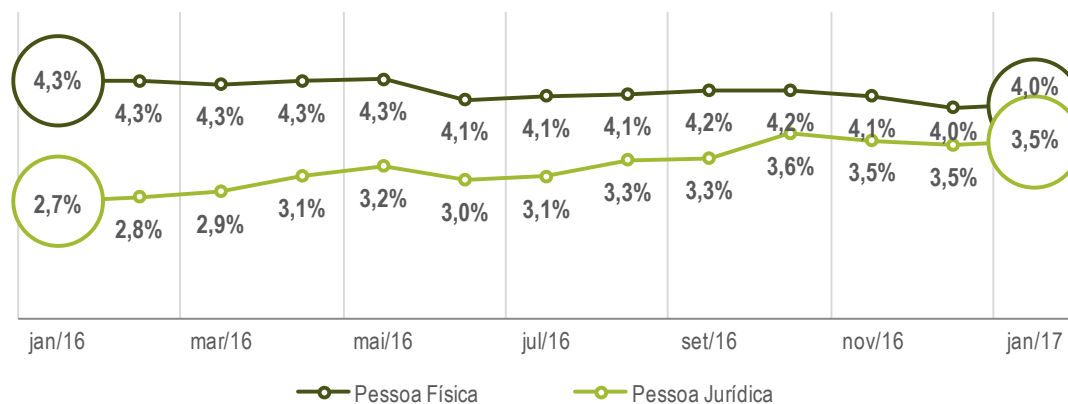
## INADIMPLÊNCIA E SPREAD. BRASIL

A taxa de inadimplência das operações de crédito do sistema financeiro manteve-se relativamente estável, em janeiro/17, no patamar de 3,7% de atrasos superiores a 90 dias. Isso significa um leve aumento de 0,2 p.p. em relação ao percentual atingido em janeiro/16. Segundo o BACEN, a inadimplência manteve-se em 5,7% na carteira livre e em 1,8% no crédito direcionado.

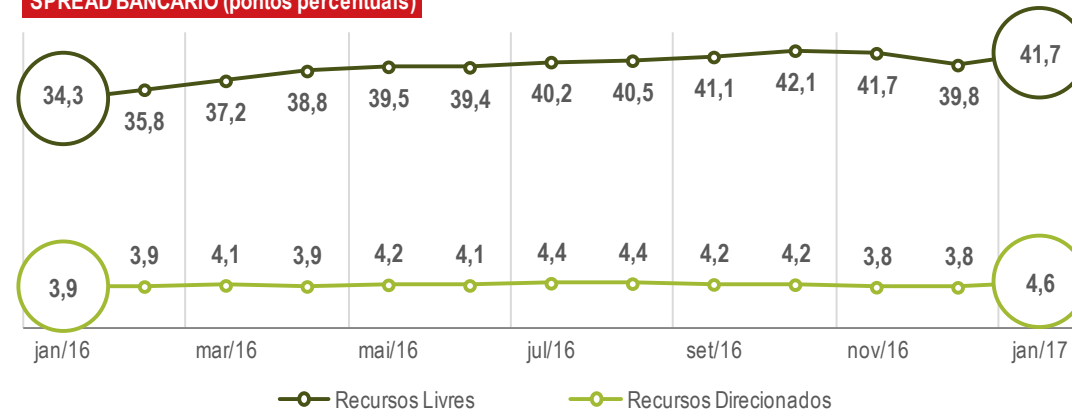
O *spread* bancário nas operações com recursos livres e direcionados subiu para 23,8 p.p. em janeiro, uma alta de 1,3 p.p. no mês e de 3,8 p.p. em doze meses. O *spread* alcançou 41,7 p.p. nas operações com recursos livres (alta de 2 p.p. em relação ao mês anterior) e 4,6 p.p. nas modalidades com recursos direcionados (crescimento de 0,9 p.p. em relação ao patamar atingido em dezembro). A elevação mensal no *spread* foi disseminada entre os segmentos de pessoas físicas (PF) e pessoas jurídicas (PJ). No primeiro, a alta foi de 0,8 p.p., chegando a 32,8 p.p.. Para PJ o avanço foi de 1,7 p.p. no período, pulando para 12,3 p.p..

De acordo com um estudo do BACEN, o principal determinante do *spread* bancário nas operações com recursos livres e direcionados é a inadimplência bancária, responsável por 55,7% do *spread* médio entre 2011 e 2016. A estrutura de competição do setor, refletida nos lucros corporativos, responde por outros 23,3% do total, e a tributação direta, por 15,6%. Os custos administrativos (3,8%) e compulsórios + encargos fiscais + Fundo Garantidor de Créditos (1,7%) revelaram-se menos importantes na decomposição do *spread* bancário no período analisado.

TAXA DE INADIMPLÊNCIA (%)



SPREAD BANCÁRIO (pontos percentuais)





# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

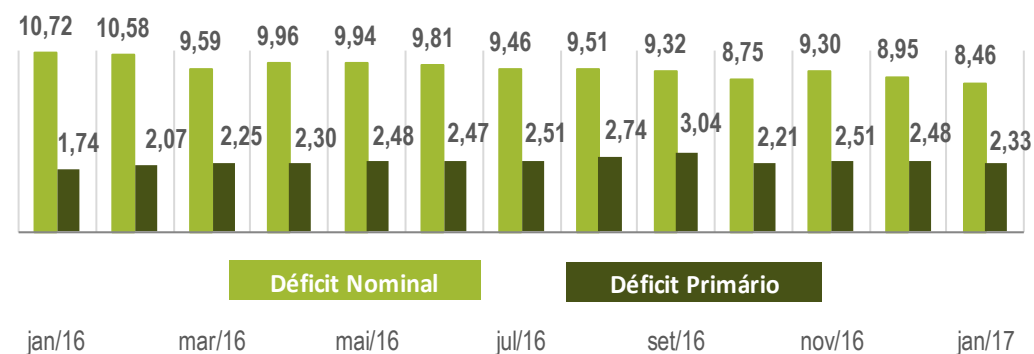
## FINANÇAS PÚBLICAS . BRASIL

O resultado primário do setor público consolidado acumulado em 12 meses recuou para 2,33% do PIB em janeiro (2,47% em dezembro), em virtude do superávit de R\$ 36,7 bilhões registrado no mês. O nominal, que inclui a conta de juros, também foi positivo em janeiro (R\$ 299 milhões), levando o déficit nominal em 12 meses para 8,46% do PIB (8,95% em dezembro).

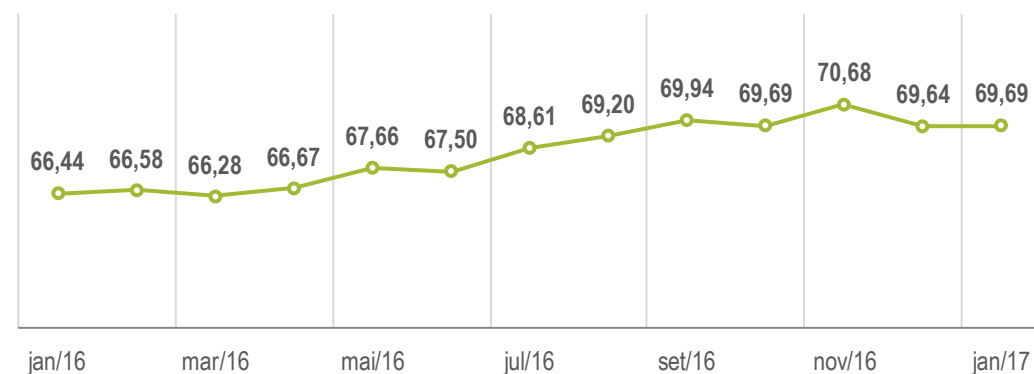
A dívida bruta do governo geral (DBGG), que inclui o Governo Federal, o INSS, governos estaduais e governos municipais, exibiu relativa estabilidade no mês, no patamar de 69,7% do PIB.

Por sua vez, a dívida líquida do setor público (DLSP), que considera os ativos financeiros, alcançou R\$2,9 trilhões (46,4% do PIB) em janeiro, um avanço de 0,4 p.p. do PIB em relação ao mês anterior. De acordo com o BACEN, os principais determinantes do crescimento na relação DLSP/PIB foram a incorporação de juros nominais (resultando num aumento de 0,6 p.p.), a valorização do real de 4,1% no mês (aumento de 0,6 p.p.) e o superávit primário, que permitiu um recuo de 0,6 p.p.. O ajuste de paridade da cesta de moedas da dívida externa líquida e o efeito do crescimento do PIB nominal, somados, contribuíram com uma redução de 0,3 p.p..

### NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (%PIB)

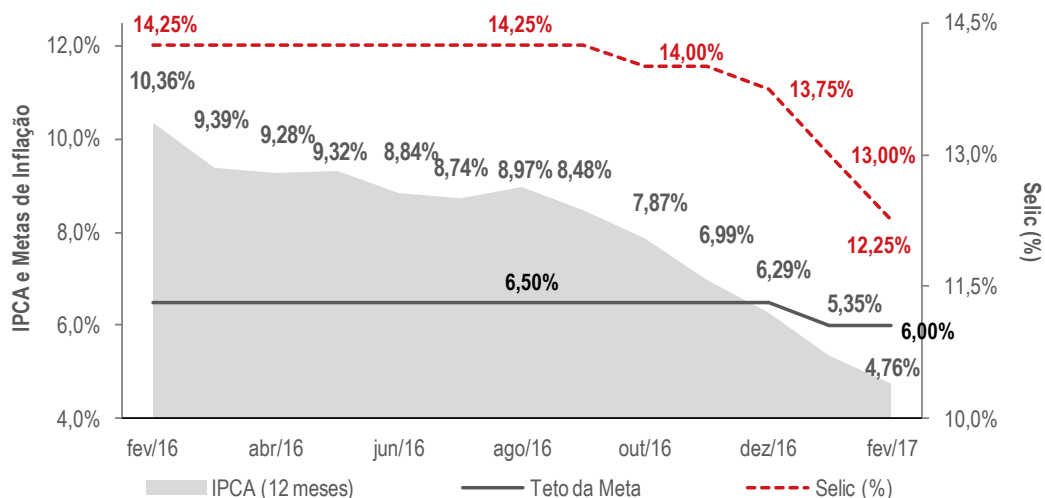


### DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL (%PIB)





# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS



## Destaques IPCA (12 meses)

GRUPOS DO IPCA (% 12 meses)	JAN/17	FEV/17
Saúde e Cuidados Pessoais	10,76%	10,44%
Educação	8,84%	7,96%
Despesas Pessoais	7,22%	6,73%
Alimentação e Bebidas	6,56%	4,97%
Vestuário	3,41%	3,03%
Transporte	3,21%	2,82%
Habitação	2,19%	2,59%
Artigos de Residência	2,85%	2,00%
Comunicação	1,68%	1,68%

## INFLAÇÃO E JUROS . BRASIL

A inflação medida pelo IPCA avançou 0,33% em fevereiro (contra 0,38% em janeiro), levando o índice acumulado em 12 meses para 4,76%. A variação dos preços em fevereiro reforçou a dinâmica benigna dos meses anteriores, contribuindo para o forte recuo de 5,6 p.p. nos últimos doze meses (em fevereiro de 2016, a inflação anual marcava 10,36%). As primeiras estimativas para a inflação em março apontam para a inflação anual abaixo do centro da meta de 4,50%.

Em linha com a forte desaceleração do IPCA e com a ancoragem de expectativas inflacionárias, a decisão do COPOM de reduzir a taxa Selic em 0,75 p.p. na reunião de fevereiro, bem como a sinalização da possibilidade de aumento no ritmo de queda dos juros à frente, desencadearam a revisão

para baixo da Selic. De acordo com o relatório Focus\*, o mercado estima taxa de 9,00% a.a. ao final de 2017, com inflação acumulada no ano de 4,19%. Para 2018, as estimativas são de taxa Selic a 8,75% a.a. e inflação medida pelo IPCA de 4,50%.

Reafirmamos nossa visão de que os recuos da inflação e dos juros nominais, bem como a maior coerência e previsibilidade na condução da política monetária no Brasil, contribuem para o aumento da confiança de empresários e consumidores, favorecendo a retomada da atividade econômica em 2017 e 2018.



# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

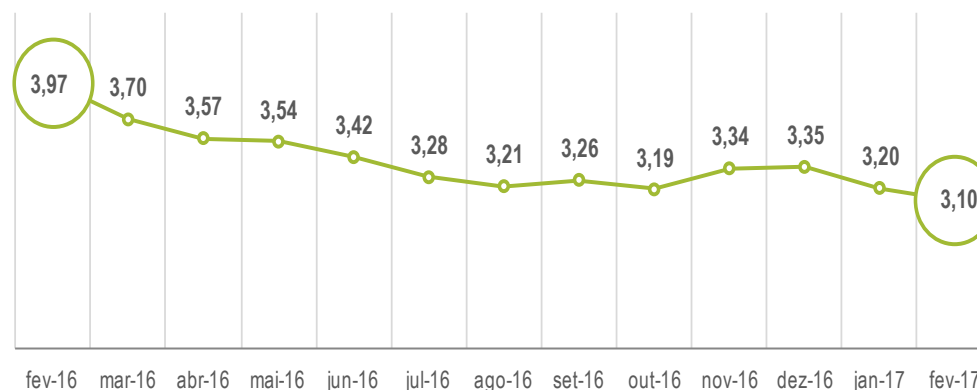
## CÂMBIO . BRASIL

A média mensal da cotação do dólar americano exibiu novo recuo, para 3,10 R\$/US\$ em fevereiro. A apreciação do Real em relação à moeda americana é fruto do bom momento da balança comercial e dos influxos financeiros.

A despeito do fortalecimento do Real no primeiro bimestre de 2017, a expectativa do mercado é de desvalorização ao longo do ano, associada às incertezas de aprovação de reformas estruturais, dado o alcance dos políticos nas investigações da operação Lava Jato.

De acordo com o relatório Focus do BACEN\*, o mercado estima que a taxa de câmbio atinja 3,30 R\$/US\$ ao final de 2017 e 3,18 R\$/US\$ na média do ano. Para 2018, as projeções são de 3,40 R\$/US\$ ao final do ano e 3,38 R\$/US\$ na média do período.

TAXA MÉDIA MENSAL DE CÂMBIO (R\$/US\$)



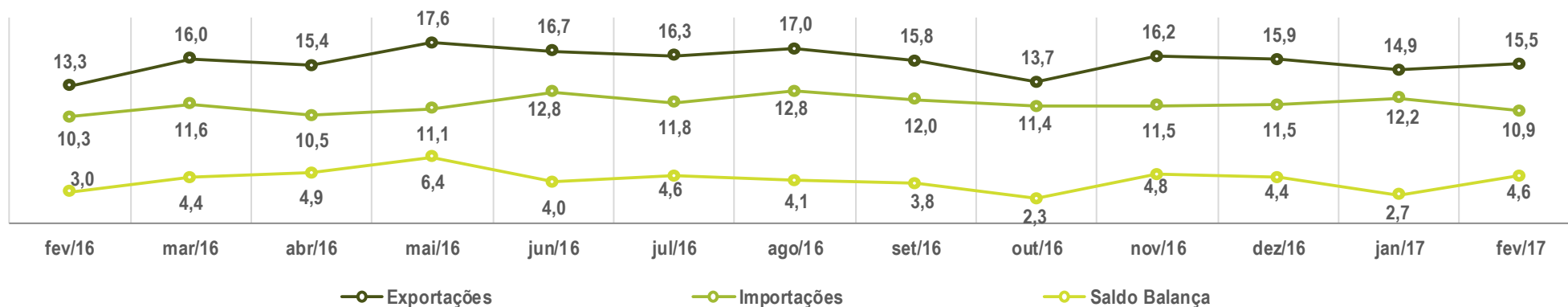


# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

## BALANÇA COMERCIAL – US\$ BILHÕES

BRASIL	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO
FEV-17	15,5	10,9	4,6
FEV-16	13,3	10,3	3,0
ACUMULADO 2017*	30,4	23,1	7,3
ACUMULADO 2016*	24,6	20,6	4,0

### BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA (US\$ bilhões)



## SETOR EXTERNO - BALANÇA COMERCIAL . BRASIL

Em fevereiro/17, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 4,6 bilhões, um crescimento de 49,9% em relação a fevereiro/16, configurando o melhor saldo para o mês desde o início da série, em 1974.

Nesse mesmo período, as exportações nacionais totalizaram US\$ 15,5 bilhões, um crescimento de 16% impulsionado pelo avanço das exportações de produtos básicos (48,3%). Destaca-se o aumento das vendas de petróleo em bruto (326,6%), minério de ferro (126,2%) e soja em grão (126,2%), refletindo a alta das cotações internacionais desses produtos.

As importações totalizaram US\$ 10,9 bilhões, com elevação de 5,9% ante fevereiro/16. Os maiores avanços foram de combustíveis e lubrificantes (34,9%) e bens intermediários (16,3%).

No primeiro bimestre do ano, as exportações acumularam alta de 23,6%, em relação a igual período de 2016, enquanto as importações cresceram 12%, na mesma base de comparação. O saldo comercial no mesmo período foi de US\$ 7,3 bilhões, 84,1% maior do que o valor dos dois primeiros meses de 2016.

A estimativa do Boletim Focus do Banco Central é de saldo comercial de US\$ 47,3 bilhões ao final de 2017.

Fonte: MDIC. | \*Acumulado até dezembro de cada ano.



# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

## EXPORTAÇÕES (US\$ bilhões)

MINAS GERAIS	BÁSICOS	SEMIMANUFATURADOS	MANUFATURADOS	TOTAL
Fev-17 (US\$ bi)	1,2	0,4	0,4	1,9
Fev-17/Fev-16	63,8%	0,5%	0,1%	31,7%
Acumulado 2017 (US\$ bi)	2,5	0,9	0,7	4,1
Acum. 2017/Acum. 2016	81,7%	16,5%	10,6%	47,0%

## SETOR EXTERNO - EXPORTAÇÕES. MINAS GERAIS

As exportações mineiras totalizaram US\$ 1,9 bilhão em fevereiro/17, avançando 31,7% em relação a fevereiro/16. No primeiro bimestre do ano, somaram US\$ 4,1 bilhões, resultado 47% superior ao registrado em igual período de 2016.

No mês de fevereiro, a principal contribuição para o crescimento das exportações veio do grupo de produtos básicos, que avançaram 63,8% na comparação anual. As vendas do grupo foram impulsionadas pela valorização das *commodities* no início de 2017, principalmente do minério de ferro e do café. Enquanto o valor das exportações da *commodity* mineral cresceu 119,2% em fevereiro, o volume exportado recuou 8,1%.

Da mesma forma, as exportações de café cresceram 7,4% em valor, mas caíram 8% em volume, em fevereiro/17.

No grupo de semimanufaturados, as vendas cresceram 0,5% em fevereiro, na comparação anual. Os principais avanços foram percebidos nos segmentos de ferro-gusa e ferro-ligas (39%) e refino de açúcar (2,2%).

No grupo de manufaturados destacam-se as vendas de produtos da siderurgia, responsáveis por 22% das exportações desse grupo no estado em fevereiro/17, com crescimento de 18,3% no mês comparado a igual mês de 2016. Em contrapartida, as exportações de veículos automotores recuaram 15,1%, como reflexo da queda de 33,2% das vendas para a Argentina, principal destino das mesmas.



# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

## TRANSAÇÕES CORRENTES E INVESTIMENTO DIRETO. BRASIL

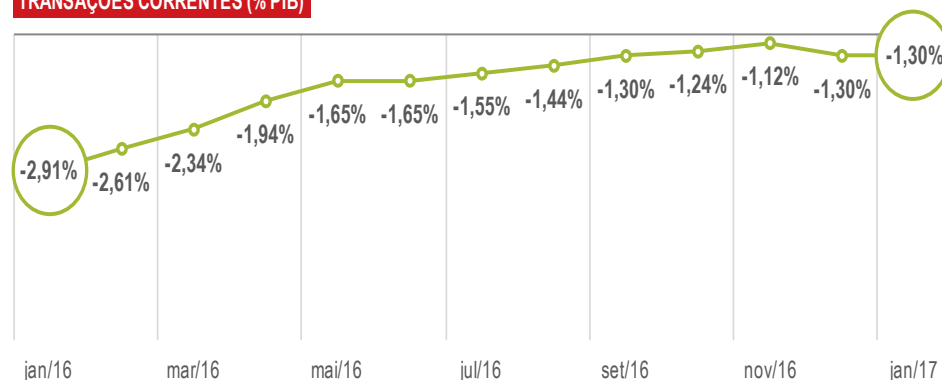
O saldo de transações correntes registrou déficit de US\$ 5,1 bilhões em janeiro/17, levando o resultado acumulado em doze meses para um déficit de US\$ 23,8 bilhões, o equivalente a 1,30% do PIB. Um ano antes, o déficit acumulado girava em torno de 2,9% do PIB.

O resultado negativo foi influenciado pela saída líquida de renda primária de US\$ 5,3 bilhões no mês, um aumento de 23,7% na comparação com o mesmo mês do ano anterior, com destaque para as despesas líquidas de investimento em carteira no montante de US\$ 4,0 bilhões.

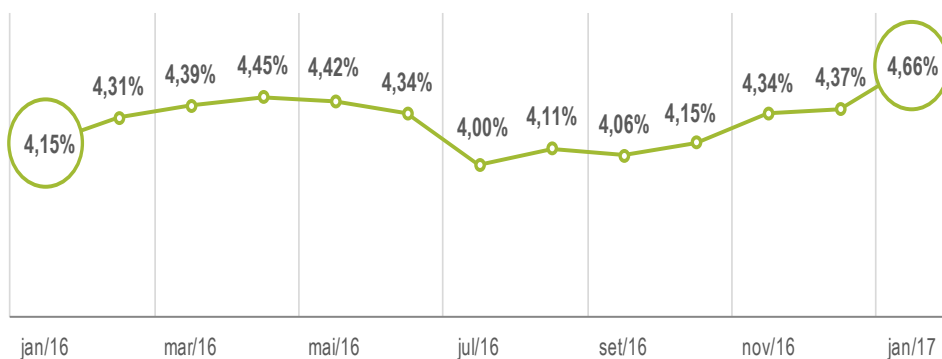
Na conta financeira, ressalta-se o ingresso líquido de US\$ 11,5 bilhões em investimentos diretos no país, trazendo o acumulado em doze meses para US\$ 85,0 bilhões, o equivalente a 4,66% do PIB.

O déficit em transações correntes foi superado pelo ingresso de investimentos diretos no país (IDP). Desse modo, a necessidade de financiamento externo (NFE), equivalente à diferença entre o déficit em transações correntes e o IDP, permaneceu negativa (-3,36% do PIB). O IDP vem compensando o déficit em transações correntes desde novembro de 2015.

TRANSAÇÕES CORRENTES (% PIB)



INVESTIMENTO DIRETO (% PIB)





# CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

## PROJEÇÕES

BRASIL	2017	2018
PIB (%)	0,48	2,40
Produção Industrial (%)	1,22	2,06
Comércio restrito (%)*	0,003	1,95
Comércio ampliado (%)*	0,01	3,18
Massa Salarial Real (%)*	-1,23	1,32
IPCA (%)	4,19	4,50
IGP-M (%)	4,62	4,60
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	3,30	3,40
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	3,18	3,38
Meta Taxa Selic - fim de período (%a.a.)	9,00	8,75
Meta Taxa Selic - média do período (%a.a.)	10,63	9,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	51,55	55,00
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-26,50	-36,00
Balança Comercial (US\$ bilhões)	48,70	40,00
Investimento Direto no País (US\$ bilhões)	72,00	72,00

MINAS GERAIS	2016	2017
PIB (%)	-3,74	0,76
Produção Industrial (%)	-6,95	0,88
Comércio restrito (%)	-0,99	0,87
Massa Salarial Real - RMBH (%)	-3,01	0,38
Faturamento (%)	-12,97	0,96







## CENÁRIO SETORIAL AUTOMOTIVO

PRODUÇÃO FÍSICA JAN/17 <sup>1</sup>	BRASIL	5,2%	
	MINAS GERAIS	-12,1%	
FATURAMENTO JAN/17 <sup>1</sup>	BRASIL	-15,2%	
	MINAS GERAIS	-34,3%	
EXPORTAÇÕES FEV/17 <sup>1</sup>		QUANTIDADE	VALOR (US\$)
	BRASIL	-0,9%	12,5%
	MINAS GERAIS	-3,6%	-15,1%

### DESTAQUES

Em Minas Gerais, a produção de veículos caiu no primeiro mês do ano, após registrar elevação por dois meses sucessivos (na comparação interanual). No Brasil, a produção aumentou 5,2% em janeiro/17 frente ao mês de janeiro/16, após acumular resultados negativos no último ano. Esse foi o terceiro acréscimo consecutivo na produção do setor na mesma base comparativa.

Por outro lado, houve recuo da demanda nacional. Foram vendidas 147,2 mil unidades em janeiro, o que representa queda de 5,2% frente a igual mês de 2016. É o pior resultado para o primeiro mês do ano desde 2006, indicativo de que a retomada do setor deverá ser lenta. O descompasso entre a produção e as vendas internas nacionais provocou a elevação dos estoques de veículos.

Em relação ao emprego do setor, enquanto no ano de 2016 houve o fechamento substancial de postos de trabalho, (-32.834 no país e -9.326 no estado), em janeiro de 2017 o saldo foi positivo no Brasil e em Minas Gerais (1.981 e 114, respectivamente).



### PROJEÇÕES\*

A estimativa é de elevação de 4,8% nas vendas nacionais em 2017. O aquecimento da demanda interna poderá ser possibilitado pela melhora dos níveis de confiança de empresários e consumidores. Corroboram com o cenário, as expectativas de reduções das taxas de juros e da inflação. A depreciada base de comparação de 2016 (-20,2%) também deverá favorecer o resultado positivo em 2017. Todavia, a interrupção do aumento do desemprego e da queda da renda dos consumidores será fundamental para a consolidação das projeções positivas.

Para a produção do setor, há expectativa de crescimento de 10,4% em 2017, em linha com o incremento nas vendas internas. A magnitude da taxa decorre, em especial, da baixa base de comparação do ano passado (-11,4%), na medida em que a produção seguirá limitada pelo fraco dinamismo da atividade econômica e do mercado de trabalho.

A perspectiva para as exportações é de expansão de 2,6% em 2017. Os acordos comerciais bilaterais fechados com parceiros da América Latina, assim como o maior direcionamento da produção ao mercado externo, deverão colaborar para esse aumento.



## CENÁRIO SETORIAL

# MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS\*

	BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA JAN/17 <sup>1</sup>	-4,9%	33,0%
FATURAMENTO JAN/17 <sup>1</sup>	13,5%	-42,3%
EXPORTAÇÕES FEV/17 <sup>1</sup>	0,7%	27,8%

### DESTAQUES

A produção física de máquinas e equipamentos voltou a recuar em janeiro/17 ante janeiro/16 (-4,9%), após ter interrompido em dezembro/16 uma sequência de 33 quedas consecutivas nessa mesma base de comparação.

Em Minas Gerais, a produção, que ao longo de 2016 registrou expressivos recuos, cresceu 33% no mês frente a janeiro/16, influenciada pelo crescimento na produção de tratores, equipamentos de terraplanagem e escavadeiras.

O faturamento nacional do setor cresceu 13,5% em janeiro/17 ante igual mês do ano anterior, após avanço de 5% em dezembro/16 na mesma base de comparação. Em Minas Gerais, o setor continua registrando significativas quedas no faturamento, com recuo de 42,3% em janeiro/17 na comparação anual. Ajuda a explicar o desempenho do estado, a maior especialização na produção de máquinas e equipamentos para as atividades de extração mineral e da construção civil, setores onde os investimentos seguem em ritmo lento no país.

As exportações nacionais registraram leve crescimento (0,7%) em fevereiro/17, na comparação com fevereiro/16, com destaque positivo para as vendas de máquinas e equipamentos agrícolas, que avançaram 8,2% no mês. Destaca-se no mês, o crescimento de 27,8% das exportações do setor em Minas Gerais na comparação anual. O principal resultado positivo veio das vendas de máquinas e equipamentos de uso industrial específico, que avançaram 239% no período.



### PROJEÇÕES<sup>2</sup>

Embora a expectativa para o setor no ano seja de leve recuperação, a produção de máquinas e equipamentos deve permanecer em patamar historicamente reduzido, uma vez que as perspectivas para os principais demandantes ainda são modestas. Além disto, mesmo com a melhora da confiança, aliada ao cenário de queda dos juros e menores pressões inflacionárias, a elevada capacidade ociosa da indústria pode comprometer uma recuperação mais rápida do consumo e dos investimentos.

Nesse sentido, as estimativas para o setor são de aumento de 5,4% na produção física, acompanhando a expansão de 4,4% no consumo aparente em 2017.

Para o setor externo, as expectativas são de crescimentos de 4% nas exportações e de 1,1% nas importações em relação a 2016.



## CENÁRIO SETORIAL CONSTRUÇÃO CIVIL

NÍVEL DE ATIVIDADE (CNI/FIEMG) JAN/17 <sup>1</sup>	BRASIL	Indica redução no ritmo de queda.	
	MINAS GERAIS		
PRODUÇÃO FÍSICA DE INSUMOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL (ICC) JAN/17 <sup>1</sup>	BRASIL	-3,9%	
CUSTO DA CONSTRUÇÃO/M <sup>2</sup> (INCC-SINAPI) FEV/17 <sup>1</sup>	BRASIL	5,8%	R\$ 1.033,16
	MINAS GERAIS	6,6%	R\$ 960,23

### DESTAQUES

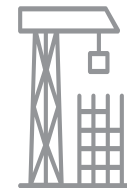
A divulgação dos dados do PIB do Brasil para o 4º trimestre/16 pelo IBGE, no último dia 7, mostraram que enquanto o produto interno bruto registrou queda de 3,6% no acumulado de 2016, a indústria caiu 3,8% e a construção 5,2%.

Entretanto, os resultados da Sondagem da Construção da CNI/FIEMG para janeiro/17 indicam redução no ritmo de queda da atividade e do emprego na indústria da construção. Os indicadores mantiveram-se abaixo dos 50 pontos, porém mais próximos desse valor<sup>2</sup>. As expectativas para os próximos 6 meses estão menos pessimistas, mas a intenção de investir ainda se mantém baixa, dado que o setor vem operando com alta ociosidade.

Essa desaceleração na retração da atividade também pode ser observada na produção de insumos para o setor. Apesar de ter sofrido o 35º recuo consecutivo em janeiro/17, em relação a janeiro/16, registrou a menor redução nessa base de comparação, desde março/15, quando a produção registrou queda de 3,3%.

O custo da construção civil no Brasil aumentou 0,57% no acumulado do ano até fevereiro/17 e 0,14% em Minas Gerais. O custo médio de mão de obra foi calculado em R\$ 499,27 e os custos de materiais em R\$ 533,89. No estado, esses valores ficaram em R\$ 447,46 e R\$ 512,77, respectivamente.

O emprego formal registrou saldo positivo de 1.196 postos de trabalho em janeiro/16 no Brasil. Em Minas Gerais, houve decréscimo de 1.123 vagas, de acordo o Caged/MTPS.



### PROJEÇÕES<sup>3</sup>

A projeção para a produção nacional de insumos típicos para a construção em 2017 é de recuo de 1,1%, após queda de 11,9% em 2016.

As expectativas para os custos nacionais de mão de obra e de materiais em 2017 são de altas de 5,4% e 3,8%, respectivamente.



## CENÁRIO SETORIAL INDÚSTRIA EXTRATIVA

PRODUÇÃO FÍSICA* JAN/17 <sup>1</sup>	BRASIL	12,5%	
	MINAS GERAIS	23,6%	
		QUANTIDADE	VALOR (US\$)
EXPORTAÇÕES MINÉRIO DE FERRO FEV/17 <sup>1</sup>	BRASIL	-14,2%	92,6%
	MINAS GERAIS	-8,1%	119,2%

### DESTAQUES

Em janeiro de 2017, a produção da indústria extrativa nacional avançou 12,5% em relação ao mesmo mês de 2016, configurando a terceira expansão consecutiva e o melhor resultado desde fevereiro de 2015. O incremento da capacidade produtiva brasileira, com o início da operação da planta S11D no estado do Pará, no final de 2016, explicou o resultado positivo do setor.

O volume de produção no estado de Minas Gerais registrou elevação de 23,6%, contra janeiro de 2016. Esse foi o melhor resultado desde outubro de 2010, na comparação interanual.

Paralelamente, a aceleração da atividade siderúrgica na China, influenciada por medidas de estímulo ao crédito adotadas pelo país, tem intensificado a valorização nos preços do minério de ferro nos últimos meses. A cotação da *commodity* atingiu cerca de US\$90 em fevereiro de 2017 – maior valor desde agosto de 2014 – contribuindo de forma determinante para que os valores exportados pelo Brasil e por Minas Gerais tenham sido consideravelmente superiores àqueles registrados no mesmo mês do ano passado (+92,6% para o país e +119,2% para o estado).



### PROJEÇÕES

Ao contrário de 2016, espera-se desempenho positivo do setor extrativo brasileiro em 2017, sem o impacto negativo da suspensão das atividades da Samarco e com a entrada em operação da planta S11D da Vale, em Carajás-PA. A expectativa é de aumento de 7,4% na extração mineral nacional, totalizando 429,8 milhões de toneladas produzidas no ano.

O preço médio do minério deverá ser influenciado pelo aquecimento da demanda chinesa, maior produtora e consumidora da *commodity* no mundo. Neste ano, a cotação deverá situar-se em torno de US\$64/ton., o que significaria um crescimento na ordem de 11,5%, em relação a 2016. Os elevados estoques nos portos chineses, no entanto, deverão restringir a permanência dos preços em níveis mais elevados nos próximos meses, intervalando-se entre US\$50 e US\$55/ton. até o final de 2017.

Em virtude do avanço na produção nacional, as exportações de minério de ferro devem crescer 8,4%, representando 405,3 milhões de toneladas exportadas no ano.



## CENÁRIO SETORIAL METALURGIA E SIDERURGIA

	BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA JAN/17 <sup>1</sup>	4,2%	-2,1
FATURAMENTO JAN/17 <sup>1</sup>	-6,3%	-4,2%
EXPORTAÇÕES FEV/17 <sup>1</sup>	VOLUME (Kg)	2,4%
	VALOR (US\$)	6,4%

### DESTAQUES

A queda na produção física do setor de metalurgia em janeiro/17, na média móvel dos últimos 12 meses (-5,0%), vem perdendo intensidade, marcando o menor recuo registrado desde agosto de 2014 (-4,4%). Vale destacar que o indicador cresceu 1,8% na margem, após ajuste sazonal.

Em relação ao emprego, o CAGED mostrou que o número de admitidos no setor foi superior ao de desligados. Em janeiro, o saldo positivo de 993 postos de trabalho foi o maior desde janeiro/14.

Por outro lado, no mercado mundial persiste a incerteza em relação à demanda dos principais compradores de aço e produtos siderúrgicos brasileiros no médio prazo. Em particular, medidas protecionistas adotadas pelo governo americano podem reduzir as exportações dos produtos siderúrgicos brasileiros.



### PROJEÇÕES

As expectativas dos empresários do setor de metalurgia são de aumento nas exportações e manutenção na demanda por seus produtos nos próximos seis meses. Os dados são da Sondagem Industrial, pesquisa elaborada pela Confederação Nacional da Indústria – CNI.

A expectativa para a cotação média de bobinas laminadas a quente no Brasil é de expansão de 18,4% em 2017, refletindo o aumento das pressões de custos com *commodities* minerais, dada a trajetória ascendente das cotações em dólares do minério de ferro.

O consumo aparente de aço (total da produção, mais importações, menos exportações) deve registrar crescimento de 3,0%, na comparação com 2016, enquanto a produção de aço bruto, na mesma base de comparação, deve crescer 2,7%.

# MONITOR ECONÔMICO

## FICHA TÉCNICA

### **REALIZAÇÃO:**

Sistema FIEMG – Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

### **PRESIDENTE:**

Olavo Machado Junior

### **RESPONSABILIDADE TÉCNICA:**

Assessoria Econômica da FIEMG

Esta publicação é elaborada com base em análises internas, desenvolvidas através de dados públicos.

Não nos responsabilizamos pelos resultados das decisões tomadas com base no conteúdo da mesma.

